

# Chineses, Holandeses e Castelhanos em Taiwan (1624-1684)

MANEL OLLÉ I RODRÍGUEZ\*

\* Natural de Barcelona, 1962. Realizou os seus estudos na Universidade de Barcelona, na Universidade Pompeu Fabra e na Universidade de Nanquim. Doutorado em História, professor de História da Ásia Oriental na Universidade Pompeu Fabra (Barcelona), especializou-se em estudos sobre as relações da colónia espanhola das Filipinas com a China e Macau assim como sobre as percepções espanholas da China durante os séculos XVI e XVII. Publicou o livro *La invención de China. Percepciones y estrategias filipinas respecto a China en el siglo XVI*.

*Born in Barcelona, 1962. Ollé studied at the University of Barcelona, at Pompeu Fabra University (Barcelona) and at Nanjing University. A specialist in relations between the Spanish colony of the Philippines and China and Macao, as well as in 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> century Spanish perceptions of China, he holds a doctorate in History and lectures in East Asian History at Pompeu Fabra University. Author of *La invención de China. Percepciones y estrategias filipinas respecto a China en el siglo XVI*.*



Durante o segundo quartel do século XVII Taiwan deixou de ser uma ilha formosa e irrelevante para os seus vizinhos, tendo-se transformado num local estratégico de primeira ordem no comércio internacional. Transformou-se também num cenário de disputas e rivalidades entre chineses, holandeses e ibéricos. Os holandeses estabeleceram-se na costa sudoeste de Taiwan entre 1624 e 1662. Os castelhanos fixaram as suas fortificações no norte de Taiwan entre 1626 e 1642. As comunidades mercantis chinesas já há décadas que frequentavam e estabeleciam bases operacionais mais ou menos estáveis nas costas ocidentais de Taiwan e, após a incursão manchú, transformaram Taiwan na base da resistência da deposta dinastia Ming.

Dois processos históricos do contexto europeu marcaram esta dinâmica asiática: por um lado, a união dinástica entre Castela e Portugal, a partir de 1580, sob a coroa do rei Filipe II de Castela (I de Portugal), por outro lado, a rebelião da Flandres contra a implantação do Santo Ofício, impulsionada pelo rei castelhano e a posterior internacionalização do conflito entre espanhóis e holandeses, que teve no Leste ibérico um cenário proeminente.

Dois factos asiáticos marcaram também de forma decisiva o curso da História de Taiwan: por um lado, a subida ao poder, no Japão, de Tokugawa Ieyasu que fundou o xogunato Tokugawa em 1603, deixando para trás a política expansionista de Hideyoshi, causou um aumento no fluxo da prata japonesa na Ásia Oriental, acabou com o monopólio português de intermediação no comércio sino-japonês e, finalmente, conduziu a uma política de retirada e de ruptura com os Europeus; e, por outro lado, a mudança dinástica que ocorreu com a invasão manchú da China, em 1644, transformou Taiwan num reduto resistente dos Ming e deu um protagonismo histórico às comunidades mercantis ilegais chinesas que viajavam pelos mares do Sul da China, consideradas até então como frotas piratas. Taiwan acabou por se integrar completamente no espaço do império chinês.

## TAIWAN AO TEMPO DA CHEGADA DOS EUROPEUS

As percepções europeias dos povoadores nativos de Taiwan que encontramos no século XVII distinguem dois tipos de nativos: um grupo



Anónimo português, Ilha Formosa. In *Livro das Plantas das Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*.

sedentário nas planícies da costa ocidental da ilha que incluía a agricultura nas suas formas de sustento (designado pelos chineses como *shufan*) e um grupo semi-nómada radicado nas zonas montanhosas, dedicado à caça, à pesca e à recolção (*shengfan* para os chineses).<sup>1</sup>

Na altura da sua chegada a Taiwan, os holandeses calculavam que os nativos sedentarizados das planícies da ilha atingiam os 50 000 e habitavam mais de cem povoações. O ponto de referência era evidentemente a zona do sudoeste de Taiwan. De acordo com fontes holandesas, este grupo sedentarizado de nativos designava a ilha de Pakan. Estes nativos foram gradualmente expulsos das planícies, num processo secular, pelos povoadores chineses que, desde o século XVII, começaram a ocupar de forma demograficamente relevante a costa ocidental de Taiwan: alguns foram assimilados, outros fugiram para as montanhas ou foram suprimidos. Apesar da protecção que receberam do império Qing, as suas terras foram sendo

reduzidas pouco a pouco, até praticamente desaparecerem das planícies, no fim do século XVIII.<sup>2</sup> Pertenciam principalmente aos grupos étnicos Ami, Kuvalan e Puyuma. A maioria dos antropólogos liga os grupos indígenas de Taiwan com as culturas austronésias (malaio-polinésias) do Sudeste Asiático insular. Apresentam relevantes similitudes culturais, físicas, organizativas e materiais. Pelo menos dois terços das línguas faladas pelos nativos taiwaneses estão muito perto das dos povos insulares malaio. Outros antropólogos apontam para alguma proximidade entre alguns grupos indígenas de Taiwan e o grupo étnico dos Miao, localizado no actual Sul da China continental.<sup>3</sup>

As fontes holandesas registam que o número de chineses nas costas de Taiwan, no momento da sua chegada (1623-1624), oscilava entre os 1000 e os 1500. Embora Taiwan contasse já com a presença estável desta relativamente pequena comunidade de colonos chineses, residentes sazonais, pescadores,

## ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

piratas e comerciantes estabelecidos na costa sudoeste da ilha, não tinha todavia entrado na órbita do domínio efectivo do império chinês, nem constituía um centro atractivo ou necessário no intercâmbio comercial dos mares do Sul, apesar de se encontrar apenas a 160 quilómetros da costa continental chinesa, no seu ponto mais próximo. Entre os diversos factores que explicariam o isolamento secular de Taiwan, há que considerar as dificuldades da perigosa navegação nos estreitos de Taiwan – especialmente no período dos tufões que ocorrem entre Junho e Novembro – e a falta de portos e ancoradouros favoráveis nas suas costas.<sup>4</sup> Apesar da ebulição mercantil da navegação e da diáspora das províncias chinesas litorais do Sul, especialmente Fujian, há séculos circulando em torno dos mares do Sul e do Sudeste Asiático, não havia incentivos comerciais, produtos nativos, empresas a ocultar, comunidades mercantis para intercâmbio, etc. que justificassem um desembarque estável na ilha. No plano político e oficial é necessário considerar também que o império chinês se caracterizava por viver de costas voltadas para o mar, sendo uma civilização agrária e estruturada em torno das bacias fluviais, com o seu centro de gravidade no Norte das terras amarelas de *loess* e também por rejeitar o comércio e a interacção exterior à margem do sistema tributário e por carecer de uma compulsão expansionista. A China imperial não manifestava o seu sinocentrismo em termos de ofensiva ou de assimilação, mas em termos defensivos e de separação em relação aos bárbaros das periferias não civilizadas. Isto explicaria que, apesar da proximidade de Taiwan em relação à costa continental chinesa e embora as autoridades imperiais tivessem um secular conhecimento geográfico da ilha, não se empreendessem iniciativas oficiais de dominação efectiva da ilha e, quando isso se fez, na segunda metade do século XVII, foi num contexto de confrontação dinástica entre os Qing e os Ming, mais do que da vontade expansionista e de controle eficaz do território e da sua população.

Taiwan passou a ser um centro atractivo para a migração chinesa com a sua transformação em porto de passagem para as rotas mercantis regionais (o circuito holandês entre Batávia-Taiwan-Hirado, o circuito dos comerciantes chineses ilegais entre Fujian-Taiwan-Manila, o circuito português de intermediação no comércio sino-japonês...) que a presença europeia

internacionalizava e inundava de prata. Foi também em função de uma prévia estrutura mercantil ter tornado possível a manutenção e o crescimento das explorações agrícolas.

O momento do início do processo migratório chinês para a ilha de Taiwan é incerto. A China imperial praticamente não deixou registos históricos referentes à emigração, porque esta era considerada ilegal e os que emigravam eram impedidos de regressar ao continente. Supõe-se que poderiam existir alguns estabelecimentos de pescadores e de camponeses chineses nas ilhas de Penghu (Pescadores) desde o século VII. E na ilha de Taiwan desde o século XII. Não se sabe se os emigrantes japoneses também já se tinham estabelecido na ilha, como defendem alguns estudos japoneses.

Durante a dinastia mongol dos Yuan (1263-1368) houve tentativas fracassadas de expansão chinesa para o Japão e aumentou o interesse pelas áreas do Leste e do Sudeste Asiático. Os Yuan incorporaram na sua jurisdição o arquipélago de Penghu, mas não se interessaram pela ilha de Taiwan. Durante esta dinastia começou, em alguns pontos muito concretos da costa de Taiwan, o processo de estabelecimento de piratas e de pescadores chineses e japoneses, que começaram a usar a ilha como porto de passagem, de estabelecimento provisório e, em alguns casos, de estabelecimento definitivo.

Durante os séculos XV e XVI aumentou, nas costas chinesas, o flagelo da pirataria dos designados, em fontes chinesas, por *wokou* (*wako*), que encontravam nas costas da ilha de Taiwan uma escala, um refúgio provisório e, às vezes, um estabelecimento estável. Os grupos de *wokou* incluíam também piratas chineses e coreanos. Entre as frotas piratas que encontraram um refúgio provisório nas costas de Taiwan estava a frota de Lin Feng, conhecido em fontes espanholas como Limahon. Fugindo dos navios da guarda costeira chinesa, a sua frota infiltrou-se em Taiwan em 1574 e, mais tarde, dirigiu-se para as Filipinas, onde foi cercada pelos espanhóis que tentaram com a sua captura obter favores das autoridades provinciais de Fujian: concessão de um enclave no litoral de Fujian, semelhante ao Macau português. A fuga de Lin Feng e dos seus seguidores deixou em suspenso as aspirações espanholas.<sup>5</sup>

Os japoneses designavam Taiwan por Takasago. Em fontes chinesas do século XVI, Taiwan aparece por

## EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

vezes referida como Dongfan (literalmente “bárbaros do leste”) ou como Yizhou (“continente dos bárbaros”)<sup>6</sup> e, ainda, como Da Liuqiu (“Grande Liuqiu”), fazendo assim parte do arquipélago de Liuqiu (em japonês, Ryukyu) que abrange a constelação das ilhas que traçam um arco entre Taiwan e o Japão, incluindo a actual ilha japonesa de Okinawa. Encontramos um testemunho desta identificação de Taiwan com o arquipélago de Liuqiu no mapa da China elaborado pelo jesuíta Matteo Ricci, a partir de mapas chineses, onde Taiwan aparece como Da Liuqiu.<sup>7</sup>

Finalmente o uso do nome de Taiwan estender-se-ia à própria China, paralelamente ao uso europeu do nome português de ilha Formosa. A popularização na Europa deste topónimo veio da mão do navegador e geógrafo holandês J. H. van Linschoten, que o divulgou no livro que publicou, em 1591, com informações sobre a expansão asiática portuguesa, as rotas e os mapas que tinha compilado durante as suas navegações pela Ásia e na sua estada em Goa.<sup>8</sup> A partir do século XVI, Taiwan tornou-se uma escala habitual dos barcos dos pescadores e dos juncos chineses procedentes de Fujian que comerciavam e emigravam ilegalmente para o sul, seguindo uma rota que começava na zona da baía de Amoy (Xiamen, Quanzhou, Zhuangzhou), continuava por Luzón (Filipinas) e Bornéu, até chegar a Java e aos estreitos de Sumatra.<sup>9</sup>

Em meados do século XVII, quando os holandeses tinham já o efectivo controle sobre uma boa parte das planícies litorais do sudoeste da ilha calcula-se que o número de chineses, procedentes na sua maioria de Fujian ou das comunidades de Hakkas (*kejia*) de Guangdong e de Fujian, instalados em Taiwan não ultrapassaria os 25 000. De acordo com os censos holandeses, os indígenas excediam os 100 000. O rápido crescimento da diáspora dos chineses da zona litoral do Sul de Fujian, tanto em Taiwan como nas Filipinas e na Indonésia, foi favorecido pela simbiose colonial entre os centros mercantis dos Europeus na Ásia Oriental e as comunidades mercantis ilegais chinesas, assim como dos emigrantes e dos colonos chineses que se dedicavam à pesca, agricultura e actividades artesanais. Outros factores que favoreceram a aceleração, durante a segunda metade do século XVII, do processo migratório fuquinense para Taiwan e outros enclaves do Sudeste Asiático (Manila, Batávia, etc.) foram, por

um lado, a conjuntura que se seguiu à queda da dinastia Ming e à entronização da dinastia Qing e, por outro, a forte pressão demográfica existente em Fujian desde o início do século XVI. Esta província costeira viu a sua população crescer em grande número, mas era basicamente produtora de chá e, conseqüentemente, incapaz de produzir arroz suficiente para a abastecer na sua totalidade: só havia saída para o comércio (ilegal, na maior parte, devido às restrições impostas pelo sistema imperial) e para a emigração (também ilegal, de acordo com os códigos chineses). Comércio ilegal, emigração, pirataria e resistência ao novo regime manchu entrecruzaram-se neste processo.

## PRIMEIROS CONTACTOS EUROPEUS COM TAIWAN

Em meados do século XVI os navios portugueses que faziam a “carreira da Índia”, unindo Goa, Malaca e Macau com a ilha de Kyushu, no sul do Japão, encontraram casualmente a ilha de Taiwan, sem nela chegarem a entrar. Foram os portugueses que lhe deram o nome de ilha Formosa em atenção à beleza e à exuberância da sua paisagem. Na forma castelhana este

Forte holandês em Batávia, século XVII.



ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I



Frontispício de Itinerário, Viagem ou Navegação para as Índias Orientais, de Jan Huygen van Linschoten.

## EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

topónimo aparece, nas fontes do século XVI e XVII, como “isla Hermosa”. Os portugueses estabeleceram-se em Macau em 1557 e não tinham motivação, nem comercial nem de navegação, para penetrar em Taiwan. O seu projecto colonial era eminentemente mercantil e, no trajecto da navegação entre Macau e o Sul do Japão, não precisavam de escalas. Taiwan não apresentava, nesse momento, nenhum aliciente à exploração ou conquista.

O primeiro testemunho europeu sobre Taiwan encontra-se nos escritos de três tripulantes de um navio português carregado de seda chinesa que naufragou na ilha. Entre 6 e 10 de Julho de 1582, zarpu de Macau em direcção ao Japão um grande junco fretado pelo comerciante Bartolomeu Vaz Landeiro, que tinha como capitão André Feyo<sup>10</sup> e no qual viajavam, entre outros, os jesuítas da missão do Japão Pedro Gómez, Álvaro Dias, Cristóvão Moreira e Francisco Pires, bem como o jesuíta espanhol, radicado em Manila, Alonso Sanchez. Após dez dias de navegação, um forte temporal causou o naufrágio do navio que encalhou num banco de areia muito perto da costa do Sudeste de Taiwan, no dia 17 ou 21 de Julho de 1582. Embora, num primeiro momento, não tivesse sofrido grandes danos, um temporal posterior destruiu-o, ao projectá-lo de encontro às rochas da costa escarpada da ilha.<sup>11</sup>

Um dos jesuítas portugueses, Francisco Pires, escreveu uma detalhada descrição das circunstâncias deste naufrágio numas memórias sobre a sua actividade missionária na Ásia Oriental e que têm por título *Memoriae historicae* e por subtítulo *Pontos do que me alembra*.<sup>12</sup> Também na *Relación breve de la jornada que el P. Alonso Sánchez dela Compañía de Jesús hizo por horden y parecer del Sr. D. Gonzalo Ronquillo de Peñalosa, governador de Philipinas, y del Sr. obispo y oficiales de S. M. desde la Isla de Luzón y ciudad de Manila a los Reynos de la China* (1583), de Alonso Sanchez,<sup>13</sup> encontramos um outro relato deste naufrágio,<sup>14</sup> o mesmo fazendo Pedro Gómez. Estes três testemunhos constituem a documentação ocidental mais antiga com uma percepção directa da ilha de Taiwan. Com estas palavras, Alonso Sanchez traçava uma descrição sintética da ilha:

“A meio do caminho ou viagem deste golfo há uma ilha a que chamam Formosa pela bonita aparência que tem desta parte de montanhas elevadas e verdes, por entre a qual costa e a costa chinesa há já quarenta

anos mais ou menos que os portugueses passam a caminho do Japão, sem a terem reconhecido nem terem chegado a ela.”

Os naufragos construíram um improvisado acampamento na praia e permaneceram em Taiwan perto de três meses até conseguirem armar um navio pequeno feito dos restos do junco que naufragara e com o qual conseguiram regressar. No dia 4 de Outubro de 1582 estavam já de regresso a Macau.<sup>15</sup>

É especialmente interessante contrastar os testemunhos sobre os nativos de Taiwan oferecidos por Alonso Sanchez com o de Francisco Pires. Aparecem retratados pelo jesuíta castelhano como muito mais violentos e perigosos do que aparecem na Relação do português. Nesta passagem sintetiza-se a visão de Alonso Sanchez, que alude mesmo a um suspeito canibalismo desses povos:

*A China imperial não manifestava o seu sinocentrismo em termos de ofensiva ou de assimilação, mas em termos defensivos e de separação em relação aos bárbaros das periferias não civilizadas.*

“Acudiram imediatamente os nativos nus com os seus arcos e aljovas<sup>16</sup> e com grande ânimo e determinação. Sem dar satisfação nem ferir ninguém vieram ao nosso encontro e despojaram-nos de tudo o que tínhamos conseguido salvar e, enquanto não nos secamos e apetrecharmos para nos defendermos, todos os dias e todas as noites nos visitavam e com as suas setas matavam alguns e feriam muitos. E assim passámos mais de três meses com algum arroz que se conseguiu secar, até terminarmos um pequeno navio que fizemos dos pedaços do grande [...] depois de terminado o navio gastámos mais de um mês<sup>17</sup> a conjecturar e a procurar formas de sair sem o transformar em pedaços e ficarmos irremediavelmente para manjar daquele povo bárbaro, de quem suspeitamos que comiam carne humana.”<sup>18</sup>

## ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

Francisco Pires nunca se refere a canibalismo. Numa nota à margem do manuscrito da sua Relação faz uma referência explícita ao seu regime alimentar a partir do testemunho oferecido por um jovem natural de Luzón que viajava com Alonso Sanchez e que travou amizade e pernoitou com os nativos. Francisco Pires escreve:

“Aqui nos visitaram os bárbaros e nos mataram dois homens gentios e feriram outros. Também matámos um ou dois dos deles, pelo que nos deixaram viver mais sossegados. [...] As pessoas da terra, que moravam no mato, imediatamente acorreram à praia para se apoderarem das roupas que se tinham estragado; homens e mulheres traziam arcos e flechas. Um moço, da casta Loção, que o P. Alonso trouxe de Manila, entendeu-se com um desses bárbaros e foi com eles à sua aldeia [...]. Estes bárbaros, aos quais chamaram Cateos (porque usavam muito esta palavra), disse o moço que lá foi, que comeu arroz que lhe deram e carne de veado crua e salgada”<sup>19</sup>.

### A PRESENÇA HOLANDESA EM TAIWAN

Após a queda da cidade flamenga de Antuérpia nas mãos das tropas espanholas, em 1585, os holandeses expandiram o cenário do conflito flamengo ao conjunto do sistema colonial ibérico: iniciaram uma guerra global contra os interesses coloniais ibéricos na costa leste africana, nas Caraíbas, na América e na Ásia Oriental. Os barcos portugueses, que negociavam com a pimenta, deixaram de se aproximar do porto de Amesterdão e reorientaram o seu negócio para os comerciantes germânicos da liga hanseática. Por outro lado, os ingleses tinham-se lançado no caminho das especiarias com o envio de Lancaster a Sumatra para comprar pimenta. A decisão holandesa de empreender uma rota directa de acesso aos produtos mais preciosos das Índias Orientais não se fez esperar.<sup>20</sup> Em 1595 apareceu, na zona de Java, uma frota composta de três navios liderada por Cornelis de Houtman. Após meses de viagens pela zona regressou à Holanda, em 1597, com uma valiosa quantidade de especiarias, o que deu origem à aventura asiática holandesa. Entre 1597 e 1602, 65 barcos holandeses navegaram por águas asiáticas, numa média de 13 por ano. As diferentes companhias holandesas orientadas para o comércio na Ásia Oriental, que surgiram naqueles anos, fundiram-se

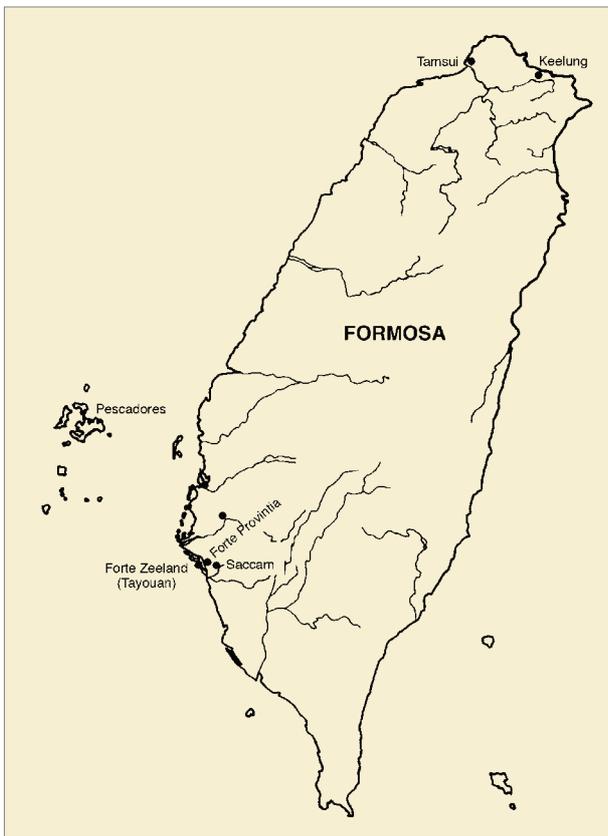
criando a VOC, (Verenigde Oostindische Compagnie), Companhia Unida das Índias Orientais, conhecida habitualmente como Companhia Holandesa das Índias Orientais, que obteve o monopólio do comércio com o Oriente sob a tutela e subvenção do orçamento federal das Províncias Unidas.<sup>21</sup>

A VOC transformou-se na companhia mundial mais importante no comércio e na navegação, até 1800. Tinha uma finalidade comercial mas tinha, evidentemente, uma dimensão militar. Representava um rival temível para espanhóis e portugueses na Ásia Oriental. Nem mesmo a “Trégua dos Doze Anos” (1609-1621) estabelecida entre espanhóis e holandeses teve repercussão eficaz na Ásia Oriental, onde a beligerância nunca diminuiu.

Entre 1597 e 1609, os holandeses capturaram cerca de 30 barcos ibéricos, 2 ou 3 por ano. Durante os primeiros anos da sua presença na Ásia, as acções de pirataria exercidas contra os navios ibéricos e dos chineses que se dirigiam a Manila foram uma das principais fontes de lucro para a VOC. No campo do comércio das especiarias, a crise dos preços e a competição portuguesa tornavam economicamente insustentável, para a VOC, uma estratégia limitada à simples compra das especiarias em Achém, o eterno rival dos portugueses nos estreitos de Malaca, para as vender, depois, na Europa. A estratégia da VOC reorientou-se, então, para a conquista militar das praças produtoras nas ilhas Molucas. O objectivo final era conseguir o monopólio das especiarias. Em 1601, o aparecimento da frota de Jacob Van Neck em águas asiáticas confirmava a violenta rivalidade ibérico-holandesa. Os holandeses atacaram Manila, mas foram destroçados pelos espanhóis e, em seguida, bloquearam o porto de Macau. Reiteraram, em 1603 e 1607, os ataques a Macau e, em 1609, a Manila.<sup>22</sup>

No que respeita às especiarias das ilhas Molucas, em 1605 os holandeses, com a colaboração dos habitantes islamizados de Ternate, arrebataram aos portugueses a fortificação de Amboíno. Em agradecimento, o sultão de Ternate concedeu-lhes o monopólio na compra do cravo. Não obstante, os produtores continuaram a vender aos comerciantes de Macaçar, que pagavam preços mais elevados. Indo a Macaçar, os portugueses mantiveram a sua quota no tráfego das especiarias. Por outro lado, no ano seguinte à investida holandesa nas ilhas Molucas, em 1606, os

## EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I



Formosa e ilhas dos Pescadores.

espanhóis superiorizaram-se aos portugueses no controle das antigas praças portuguesas de especiarias de Ternate e de Tidore, ocupadas e defendidas até essa altura de forma precária a partir da longínqua capital do *Estado da Índia*, em Goa. Em 1613, os holandeses atacaram, sem sucesso, Tidore. No ano seguinte, tentaram um novo ataque, desta vez dirigido directamente contra Manila, que também não teve sucesso.

A partir de 1619, o objectivo imediato de obtenção de lucros com a tomada de navios rivais esteve na base de uma série de frequentes bloqueios anuais do porto de Manila, coincidindo com a chegada do Galeão de Manila carregado de prata mexicana (que nunca chegou a ser capturado pelos holandeses) ou das três ou quatro dúzias de navios chineses de entre 25 e 350 toneladas que, segundo se pensa, chegavam anualmente a Manila, procedentes de Fujian, na estação favorável para a navegação, entre Março e Junho.<sup>23</sup>

Os holandeses falharam na sua tentativa de obter uma posição de superioridade absoluta nas especiarias

e optaram por intervir no tráfego sino-espanhol da seda. O negócio holandês das especiarias só começou a ser rentável com a ocorrência de alguns naufrágios na década de 1620 e com o declínio português da década seguinte.

Também se verificaram incursões holandesas nas costas chinesas, em 1604 e em 1607. Em 1604, houve uma primeira tentativa, falhada, de se apoderarem das ilhas Penghu. As crónicas oficiais da dinastia Ming registam alguns destes episódios conflituosos. Até esse momento, os holandeses tinham dirigido os seus esforços para o controle das especiarias mas, depois de terem tomado conhecimento da importância e da riqueza do comércio de Manila e de Macau com a China, reorientaram a sua estratégia para o controle do mercado da seda e do estabelecimento de mecanismos de interacção comercial directa com a China. Tentaram, por diversas vezes, estabelecer relações comerciais directas com o império chinês. Em 1604 enviaram uma fracassada embaixada a Pequim, ao mesmo tempo que o almirante Van Warwick voltava a atacar Macau. O estabelecimento, em 1609, de uma delegação estável da VOC no porto de Hirado reforçou esta nova estratégia na Ásia Oriental. Não se tratava, apenas, de afastar os espanhóis do comércio da seda e de outros produtos chineses. O objectivo era também pôr termo ao domínio que os portugueses continuavam a manter como intermediários no comércio entre a China e o Japão. Os portugueses tinham usufruído do monopólio do tráfego comercial sino-japonês até 1600, mas progressivamente alguns barcos chineses e muitos barcos japoneses começaram a nele tomar parte.

Em 1619, os holandeses consolidaram a sua posição geral na Ásia Oriental com a tomada de Batávia (a actual Jacarta) na ilha de Java. Nesse momento, a VOC contava, na zona da Ásia Oriental, com dois milhares de homens, umas 30 fortalezas e uma centena de barcos, uma terça parte dos quais se dedicava exclusivamente a acções de pirataria contra navios ibéricos ou chineses. A partir de Batávia, no dia 10 de Abril de 1622, o mandatário principal da VOC, Jan Pieterz Coen, decidiu implementar o estabelecimento de comunidades chinesas nas suas diversas colónias asiáticas através da captura de barcos chineses e da transferência pela força dos seus tripulantes para Batávia, Amboíno ou Banda.

## ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

Em 1621, os holandeses interceptaram correspondência dos espanhóis de Manila em que se considerava a necessidade de conquistar Taiwan e o perigo de um estabelecimento holandês na zona.<sup>24</sup> Jan Pieterszoon Coen decidiu empreender uma operação em grande escala para tomar o controle de Macau. Em Junho de 1622 chegava ao porto de Macau uma esquadra holandesa com 800 homens dirigida pelo comandante Cornelius Reijersen. Macau tinha apenas 150 homens preparados para a sua defesa, aos quais se juntaram também os padres jesuítas do Colégio de S. Paulo e os escravos da cidade. Os holandeses desembarcaram depois de terem bombardeado Macau a partir dos seus navios. Apesar da desigualdade numérica, os portugueses conseguiram repelir a agressão e afundar um dos navios atacantes, registando os atacantes mais de uma centena de mortos e mais de uma centena de feridos e algumas dezenas de prisioneiros.<sup>25</sup>

Os holandeses afastaram-se para norte e, no mesmo ano de 1622, apoderaram-se das ilhas Penghu, situadas no estreito de Taiwan, apenas a 40 quilómetros da costa continental chinesa, e de onde poderiam controlar o estreito, interceptando a passagem dos juncos de Zhejiang e de Fujian que todos os anos se dirigiam a Manila, Sião e Japão. Graças à mobilização forçada dos habitantes construíram rapidamente um fortim de defesa na maior das ilhas do arquipélago. Pouco depois, o império dos Ming tentou expulsá-los do arquipélago sobre o qual tinha soberania. As autoridades chinesas organizaram uma esquadra com 150 juncos de guerra e 4000 homens e cercaram as posições holandesas. Após oito meses de hostilidades, em 1624, chegou-se a um acordo segundo o qual a China aceitava o estabelecimento dos holandeses em Taiwan e a abertura de um canal de comércio entre estes e o continente chinês, a troco da sua retirada das ilhas Penghu.

Neste acordo foi decisiva a intermediação dos comerciantes ilegais chineses – conduzidos por Li Dan – que operavam na zona a partir de bases em Hirado e que agiram como porta-voz das autoridades Ming junto dos estrangeiros. O conhecimento anterior entre Li Dan e os holandeses de Hirado abriu as portas ao diálogo. Os holandeses obtinham, assim, em Taiwan, uma posição estratégica e central nas rotas marítimas da Ásia Oriental, mas, ao mesmo tempo, ficavam nas mãos das companhias “piratas” chinesas de Li Dan, que, a partir do continente, lhes forneciam a seda e os abastecimentos necessários.<sup>26</sup>

Os holandeses estabeleceram-se, assim, em 1624, na parte sul da costa ocidental de Taiwan, na baía da actual cidade de Tainan, numa zona anteriormente habitada por indígenas e emigrantes e piratas chineses. Ali erigiram duas fortificações, ambas construídas com tijolos de argila de Java: a primeira em Anping, na actual península – então ilha de Tayouan –, inicialmente chamada de Oranje e mais tarde de Zeeland; a segunda, com o nome de Provintia, mais pequena, foi erigida mais tarde, em 1650, não longe da primeira, na antiga cidade nativa de Saccam (em chinês Chikan), no outro lado da baía que tradicionalmente servia de refúgio aos navegadores.

Os holandeses procuraram substituir as redes comerciais chinesas tentando, inutilmente, dissuadi-los de continuarem com o comércio entre Taiwan e o Japão. Não obstante, conseguiram interlocutores comerciais chineses em Amoy. Em 1625, Zheng Zhilong (conhecido nas fontes ocidentais como Nicolas Iquam) sucedeu a Li Dan na direcção da principal frota de mercadores ilegais chineses que operavam no estreito e reagrupou as diferentes facções em torno do enclave que tinha estabelecido em Zhule, actual cidade de Jia Yi, no sul de Taiwan.<sup>27</sup>

Zheng Zhilong continuou com a política de entendimento com os holandeses, com os quais colaborava pessoalmente desde 1623, como intérprete junto dos portugueses. Li Dan tinha-lhe confiado este posto em função dos conhecimentos de português que tinha adquirido durante a sua infância em Macau.<sup>28</sup> Através desta sua colaboração com os holandeses, Zheng Zhilong adquiriu conhecimentos das suas técnicas de navegação, das suas estratégias comerciais, etc. Em 1627, ocorreu uma grave carestia na província de Fujian. Zheng Zhilong fretou os seus navios para transferir importantes contingentes da população de Fujian para o seu quartel-general em Zhule, onde lhes forneceu terras e meios de subsistência. A ele se atribui o definitivo impulso para o grande crescimento que se dá, a partir de então, no processo de emigração de chineses de Fujian para Taiwan. A maioria desta emigração vinha da zona de Amoy, no estuário do rio Jiulong, onde se situavam as cidades de Quanzhou e de Zhangzhou, na zona que rodeia a cidade actual de Xiamen. O incentivo deste fluxo migratório aumentou a produtividade agrícola, o prestígio e a influência na costa de Fujian, a dinâmica comercial e o potencial

## EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

bélico das frotas de Zheng Zhilong. Em 1628, Zheng Zhilong obteve o reconhecimento das autoridades chinesas, em troca da pacificação do estreito, controlando as diferentes facções piratas e mantendo a separação dos holandeses.<sup>29</sup>

A penetração dos holandeses em Taiwan inseria-os num meio de convivência competitiva de diferentes comunidades mercantis. Preexistiam, em Taiwan, grupos mercantis chineses e, em menor escala, japoneses, com os quais poderiam estabelecer relações de competição, mas também de complementaridade. A contribuição holandesa com novos produtos, a ligação da ilha com as novas solicitações, novos destinos e mercados, a estabilização e a centralização da zona traziam algumas vantagens aos comerciantes chineses e japoneses. Mas a habitual prática holandesa era o

uso da força militar para conquistar o monopólio e a exclusão dos concorrentes. E a sua estratégia de sobrevivência e de enfraquecimento do inimigo era a interceptação dos navios das comunidades mercantis rivais. A repetição dos ataques aos navios chineses e as acções de bloqueio ou ataque a praças litorais chinesas dificultaram o entendimento e a colaboração. De facto, o estereótipo da pirataria era usado por ambas as partes: os holandeses falavam de piratas quando se referiam às frotas de Li Dan e aos seus sucessores Zheng Zhilong e Zheng Chenggong (Coxinga); por outro lado, as fontes chinesas descrevem também os holandeses como piratas.<sup>30</sup> Embora estes tivessem fortificações e potencial bélico, o poder nos estreitos estava nas mãos das frotas de Zheng Zhilong. Tinha superioridade numérica e tinha também, através de laços familiares,

Cidade e forte de Zeeland na península de Tayouan. Em segundo plano, Taiwan. In Olfert Dapper, *Nauwkeurige beschryving des Keiserryks van Taising of Sina* (Amsterdam, 1670).



## ENCONTROS E DESENCONTOS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

económicos e políticos, a cumplicidade das autoridades regionais e mesmo um domínio directo de parte das costas do Sul de Fujian.

Surgiram também tensões com os japoneses. Logo após se terem fixado em Taiwan, os holandeses negaram o seu anúncio inicial de não interferir no comércio, ao aplicarem taxas ao comércio de açúcar e de arroz, medidas que enfureceram os japoneses. A tensão subiu quando os holandeses interceptaram, nas vizinhanças das ilhas Penghu, um navio japonês que se dirigia a Fujian para comerciar. Em 1628, apareceu em Zeeland uma frota japonesa com 500 homens, chefiada pelo comerciante pirata de Nagasáqui, Yamada Yahei, que chegou a sequestrar o governador para forçar as negociações.<sup>31</sup>

Em 1628, os holandeses forçaram também, através do sequestro de um dos líderes da coligação mercantil de Zheng Zhilong, a assinatura de um pacto comercial mais vantajoso. O governador holandês de Taiwan, Hans Putnams, tentou acabar com a estagnação e a dependência que representava um fracasso em termos de lucros comerciais. Empreendeu, em 1633, uma acção de bloqueio junto das costas de Fujian. No entanto, a frota de Zheng Zhilong atacou e venceu os navios da VOC na baía de Liaole, em frente da ilha de Jinmen (Quemoy), vitória esta que consolidou a sua posição na zona. Esta supremacia foi reconhecida pelas autoridades Ming que o nomearam vice-comandante militar de Fujian (*fu zongbing*), conscientes de que a única forma de ter algum controle sobre as águas do estreito era através de alianças com as frotas piratas de Zheng Zhilong.<sup>32</sup>

Após a confrontação bélica de 1633 entre navios holandeses e piratas chineses liderados por Zheng Zhilong, entrou-se num período de calma tensa, marcada por uma agravada rivalidade comercial. Zheng Zhilong baseava a sua estratégia comercial na cumplicidade e colaboração tanto dos seus partidários e seguidores na costa chinesa quanto das comunidades chinesas dispersas pelo Sudeste Asiático. Fontes diversas atribuem ao impulso directo de Zheng Zhilong a revolta dos chineses do *Parián* de Manila de 1639, brutalmente reprimida pelas autoridades espanholas, como tinha acontecido em ocasiões anteriores.

Os chineses de Fujian acorriam a Taiwan incorporando-se na rota comercial que ligava Batávia e Taiwan com a costa continental chinesa e a ilha

japonesa de Kyushu. A população chinesa da colónia holandesa em Taiwan era de características similares à da Batávia holandesa e dos *sangleys* (nome pelo qual eram conhecidos os chineses das Filipinas) do *Parián* de Manila. Chegava através de uma dinâmica de emigração moldada num amplo processo de diáspora mercantil – ilegal, do ponto de vista do império chinês – favorecida pelos poderes coloniais europeus, que encontravam nesta diáspora mercantil a melhor forma de superar as limitações e os impedimentos ao acesso directo ao comércio com a China e o Japão. O colapso dos Ming em 1644 originou uma onda migratória chinesa para Taiwan ainda mais importante.

*No campo do comércio das especiarias, a crise dos preços e a competição portuguesa tornavam economicamente insustentável, para a VOC, uma estratégia limitada à simples compra das especiarias em Achém, o eterno rival dos portugueses nos estreitos de Malaca, para as vender, depois, na Europa.*

Depois da derrota infligida pela frota de Zheng Zhilong nas costas de Fujian em 1633, aumentou a dependência holandesa das provisões de seda e outras mercadorias chinesas sobre as quais Zheng Zhilong tinha o exclusivo. Os holandeses não começaram a ver números positivos no saldo da sua acção colonial em Taiwan antes do início da década de 1640 e os lucros chegaram, não do comércio, mas das taxas impostas às comunidades chinesas e indígenas. Para rentabilizarem fiscalmente a sua acção colonial, os holandeses estabeleceram tributos nas povoações nativas e sobre a actividade agrícola (principalmente arroz e cana-de-açúcar), caça e pesca das comunidades chinesas próximas de Zeeland e Provintia.<sup>33</sup>

## EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

Os holandeses chegaram a Taiwan com a intenção de estabelecer um entreposto mercantil estratégico, um porto de intercâmbio e um enclave comercial fortificado que pusesse termo à primazia dos ibéricos e lhes permitisse aceder ao circuito comercial da seda chinesa, mas acabaram por gerar uma extensa colónia de base agrária. Para o seu objectivo inicial, as ilhas Penghu teriam sido, certamente, mais vantajosas.

Em 1641, conseguiram arrebataram aos portugueses a estratégica praça de Malaca, fortalecendo o seu domínio nas redes comerciais da zona. Um ano mais tarde, em 1642, expulsaram os espanhóis do norte de Taiwan, obtendo o acesso à zona norte e uma substancial ampliação da sua base territorial na ilha. Em 1644 detinham o controle de 44 povoações indígenas, número que subiu para 315, em 1650. Regulamentaram os chefes de povoação, estabeleceram conselhos de povos indígenas para os ter sob controle, estabeleceram medidas tendentes a evitar os conflitos entre os indígenas e o ataque aos enclaves chineses cada vez mais importantes.<sup>34</sup>

A presença holandesa mais estável e visível no interior de Taiwan era a dos missionários, que erigiam escolas e agiam com funções quase governamentais. As fontes holandesas referem entre 6000 e 6500 convertidos ao cristianismo, fruto em grande medida da escolarização missionária protestante e dos casamentos dos holandeses com jovens nativas.

Estima-se que, em poucas décadas, até 1660, mais de 50 000 chineses de Fujian tenham emigrado para os arredores das fortificações holandesas, em Taiwan. Calcula-se que, então, a zona vizinha do forte de Zeeland tinha aproximadamente 100 000 habitantes, entre chineses e indígenas. Os holandeses usaram os nativos e os emigrantes chineses como mão-de-obra nas plantações do arroz e da cana-de-açúcar, tendo introduzido novas culturas nesses anos, como manga, couve, tomate, etc.<sup>35</sup>

Houve várias revoltas dos nativos contra o poder colonial holandês: em 1629, foram os nativos de Madou e as hostilidades estenderam-se até 1635. No ano seguinte repetiram-se os conflitos, em Xiaolong. Ambas as revoltas foram reprimidas pelos holandeses, que aumentaram, assim, o seu controle territorial sobre a ilha.<sup>36</sup> Reuniram os representantes de mais de trinta povoações indígenas submetendo-os ao seu controle. Em 1640 houve uma primeira revolta chinesa e, em

1652, Huo Huaiyi, um subordinado de Zheng Zhilong, liderou uma revolta de mais de 4000 camponeses chineses das plantações de cana da zona de Saccam, perto do forte de Provintia, mas foram derrotados pelo poder colonial, que usou contingentes de indígenas numa sangrenta repressão que custou a vida a centenas de revoltosos. Em Taiwan, os holandeses nunca passaram de um milhar e basearam a sua força no uso de grupos rivais nos casos de revoltas dos nativos e no uso de nativos taiwaneses em geral, nos casos de repressão das rebeliões dos camponeses chineses.<sup>37</sup>

Em 1652, as autoridades holandesas de Batávia decretaram o monopólio do comércio, proibindo a actividade mercantil à comunidade chinesa. Não obstante, em 1654 e 1655 apareceram em Batávia cerca de dez frotas de Zheng Chenggong, descendente de Zheng Zhilong. Finalmente, em 1662, as tropas de Zheng Chenggong cercaram Zeeland e acabaram com o domínio holandês na zona.

## FORTIFICAÇÕES ESPANHOLAS NO NORTE DE TAIWAN

Os espanhóis apareceram na Ásia Oriental, com a conquista das Filipinas, em 1565, algumas décadas mais tarde que os portugueses. A união dinástica das coroas portuguesa e castelhana, em 1580, fez aumentar o desejo expansionista castelhano na zona, dirigido para o continente chinês, que rapidamente foi desencorajado pela corte espanhola. O primeiro plano espanhol da conquista de Taiwan aparece, exactamente, no quadro dos memoriais das Juntas Gerais das Filipinas de 1586, apresentados à Corte de Filipe II, pelo jesuíta Alonso Sanchez.<sup>38</sup> Dez anos mais tarde, em 1596, o governador das Filipinas, Luís Perez Dasmariñas, retoma esta empresa como acção preventiva contra a política expansionista do Japão e como ponto estratégico junto da costa de Fujian e porto intermediário na navegação para o Japão.<sup>39</sup> No ano seguinte, em 1597, a elite dirigente da colónia filipina assumia como seu o projecto de Luís Perez Dasmariñas, que recebeu o apoio e o incentivo do então recém-nomeado governador Francisco Tello e foi debatido em Junta de Guerra em Manila. Entre as diversas cartas e memoriais enviadas à Corte destaca-se a carta do cosmógrafo Hernando de los Rios Coronel com planos da ilha e argumentos para a sua conquista. As autoridades de Manila solicitaram com

## ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

insistência a chegada de efectivos e ajuda, a partir do México, para levar a cabo tal empresa. O conjunto de petições e enaltecidas justificações à Corte não teve, todavia, resposta positiva. A nova proposta espanhola de conquista de Taiwan surge, em 1619, pela mão de Bartolomeu Martinez, um frade dominicano que, no decurso de uma acidentada viagem a Macau, foi parar a Taiwan.<sup>40</sup>

A iniciativa espanhola de conquista de Taiwan, de 1626, impulsionada pelo governador Fernando de Silva, ocorreu num contexto de duríssima competição colonial com as frotas holandesas que, desde a sua chegada, não tinham cessado de hostilizar e atacar os navios espanhóis e de bloquear anualmente o porto de Manila aquando da chegada do comércio sazonal dos mercadores chineses, que navegavam ao ritmo das monções. Desde que, em 1624, os holandeses se estabeleceram no Sudeste da ilha de Taiwan, recrudesciu a acção de bloqueio à chegada de barcos chineses a Manila. Para os espanhóis de Manila, a conquista de um enclave estável e estratégico em Taiwan transformara-se numa necessidade de sobrevivência mercantil. Foi fretada uma esquadra com dois galeões (três, segundo algumas fontes holandesas contemporâneas) e 12 “sampanas” chinesas. Saíram de Manila com ordens secretas que os próprios soldados ignoravam. Depois de participarem em acções de pacificação de rebeldes nativos filipinos, empreenderam a navegação até Taiwan, rodeando a costa leste para evitar o encontro com os navios holandeses.<sup>41</sup>

A 12 de Maio de 1626, dois anos depois após holandeses, os espanhóis atracaram na costa nordeste da ilha, num lugar a que chamaram Santiago (Santijiao).<sup>42</sup> Mais tarde estabeleceram, na pequena ilha de Heping (Hoping), na baía de Jilong (Keelung), na ponta nordeste da ilha, uma fortificação com o nome de S. Salvador com a ideia de, a partir dali, empreenderem acções para expulsarem os holandeses. Foram construídas seis pequenas fortificações na base da ilha e em terra firme para controlar a passagem dos barcos e para manter sob vigilância o *Parián*, o bairro dos chineses, concebido à imagem e semelhança do de Manila. Ao porto desta baía chamaram Santíssima Trindade.<sup>43</sup> Inicialmente não encontraram resistência por parte nativos (que fugiram num primeiro momento) nem do grupo reduzido de comerciantes e pescadores chineses e japoneses aí estabelecidos. Nos

primeiros tempos tiveram dificuldades de sobrevivência dada a falta de um contacto afável com os nativos, a escassez do comércio marítimo e a demora na chegada das provisões. Ao longo dos 16 anos de presença espanhola na ilha foi constante a sua dependência dos navios de “socorro” enviados a partir de Manila. Um contingente de 200 espanhóis, com pouco mais do que uma dúzia de peças de artilharia, tinha a cargo a defesa da praça. Lá estavam também cinco missionários dominicanos dirigidos por Bartolomeu Martinez. Fontes espanholas missionárias referem – com muito optimismo – terem sido 5000 os convertidos durante as cerca de duas décadas da presença espanhola em Taiwan.

O enclave de Jilong oferecia um porto seguro, mas estava cercado por terras montanhosas. Os Espanhóis conseguiram estabelecer uma base a partir da qual conseguiram ser aceites por alguns nativos vizinhos bem como o aumento da presença de comerciantes chineses e japoneses na fortificação de Jilong.

A 17 de Agosto de 1627, ano seguinte à chegada espanhola a Jilong, o novo governador e comandante geral das Filipinas, Juan Niño de Tabora, zarpuo do porto filipino de Cavite ao comando de uma frota de oito barcos, entre os quais três galeões e duas galeras, 136 canhões e 2000 homens com abastecimentos para seis meses. O seu objectivo era consolidar a conquista do norte de Taiwan e fazer alianças com os mercadores marítimos chineses. Os infortúnios habituais da navegação na zona arruinaram esta iniciativa.

Em 1628, os espanhóis de Taiwan descobriram o porto de Danshui (Tamsui) – perto da actual capital, Taipei –, não muito distante do enclave de Jilong, mas mais perto do continente chinês bem como da rota para o Japão e frequentado por alguns comerciantes. Nesse mesmo ano assumiram o seu controle e erigiram a fortificação de Santo Domingo, em terra e estacas. À sua volta havia férteis planícies de arroz. As iniciativas missionárias na zona e as tentativas dos soldados do destacamento de cobrança de impostos aos indígenas, sob a forma de galinhas e arroz, geraram tensões e confrontações com os nativos vizinhos do enclave. Apesar da pouca hostilidade inicial por parte destes, nos dois primeiros anos os espanhóis registaram 30 baixas. Durante os 16 anos da presença hispânica em Taiwan registaram-se diversos episódios violentos, que se saldaram em algumas dúzias de mortos. De acordo

## EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

com testemunhos da época, Tamsui não passava de “um subúrbio de nativos com três ou quatro tugúrios provisórios dos comerciantes chineses que traziam o arroz e algumas coisas mais para os espanhóis. E telas e bijutarias que trocavam com os indígenas por enxofre, madeiras preciosas...”<sup>44</sup> As minas de enxofre, necessário para o fabrico da pólvora, eram um dos recursos principais do comércio da zona.

Em 1630, organizou-se em Taiwan uma embaixada junto do governador de Fujian (Ocheo, ou Ucheo nas fontes espanholas da época) conduzida pelo general Juan de Alcaraz com o fim de estabelecer laços comerciais estáveis. No entanto, em pleno alto mar, os chineses que acompanhavam os espanhóis amotinaram-se. Somente o dominicano Angel Cocci desembarcou com vida em Fujian, sem conseguir alcançar o objectivo da embaixada.<sup>45</sup>

Os espanhóis de Taiwan conseguiram repelir a primeira agressão naval holandesa, organizada por Pieter Nuyts em 1630. Em Abril desse mesmo ano pensou-se, em Madrid, na conveniência de o governador das Filipinas coordenar as suas forças com os portugueses, de Goa e de Macau, para expulsarem os holandeses de Batávia e de Taiwan. Para enfrentar o desafio que estes representavam reiteraram-se, naqueles anos, as propostas de uma “união de armas” entre portugueses e castelhanos no Oriente Ibérico. O conde-duque de Olivares encontra-se entre os maiores defensores desta estratégia, que obteve apoios espanhóis em Taiwan e em Manila, mas que foi rejeitada pelo *Estado da Índia*. O projecto da união de armas no Oriente terminou sem qualquer resultado.<sup>46</sup>

A presença espanhola no norte de Taiwan não passou de precária e estratégica e durou menos de duas décadas. Diferentemente do estabelecimento holandês no Sul da ilha, que não parou de crescer e atrair o comércio e os imigrantes do continente, graças, em boa parte, à interacção complexa e não isenta de conflitos com as comunidades mercantis chinesas e japonesas já existentes na zona, os enclaves espanhóis não conseguiram polarizar uma actividade mercantil relevante nem rentabilizar a sua presença através do domínio efectivo da população nativa. Não foram capazes de se abastecer nem de gerar qualquer benefício. A política japonesa de isolamento radical (*sakoku*) respeitante à pregação cristã e ao comércio com os Europeus, estabelecida por Tokugawa Ieyasu em diferentes decretos, entre 1633 e 1639, contribuiu para

desvalorizar parte do interesse mercantil e missionário que os estabelecimentos estratégicos do norte de Taiwan tinham para os espanhóis das Filipinas. Por outro lado, as doenças que afectaram uma parte significativa dos soldados das duas fortificações não deixaram de ter influência na estagnação espanhola e no posterior abandono das possessões da ilha.

O extravio de alguns dos barcos de socorro, anualmente enviados de Manila, deu origem a expedições espanholas pelo interior do território em busca de alimento, através de compra ou pilhagem, e a um aumento da pressão sobre a população indígena, forçada a contribuir para a sobrevivência das guarnições espanholas com a entrega de certas quantidades de arroz e de galinhas. Como resposta, verificou-se em 1636 uma revolta dos indígenas vizinhos de Danshui (Tamsui) que atacaram e pegaram fogo à fortificação espanhola, defendida por 60 homens, 30 dos quais morreram.<sup>47</sup>

Em 22 de Janeiro de 1637, o governador e comandante-geral das Filipinas, Sebastián Hurtado de Corcuera convocou uma Junta e Conselho de Guerra para planear a retirada de Taiwan por ser muito dispendiosa para Manila a sua manutenção, por haver poucas pessoas para a defender, para a povoar ou para converter ao cristianismo, pelo pouco volume de comércio que gerava, dada a pouca afluência de navios chineses e a ausência dos contactos com o Japão. O parecer geral da Junta foi no sentido da retirada.<sup>48</sup> Os problemas que Manila tinha com os nativos de Joló (no mar de Sulu), na zona central e sul das Filipinas, conduziram, no ano de 1639, à retirada parcial das forças com o abandono da fortificação de Santo Domingo, em Danshui (Tamsui), que na realidade tinha sido destruída na revolta nativa, em 1636, e parcialmente reconstruída pelo seu governador, Francisco Hernandez.<sup>49</sup> O triunfo, em Lisboa, dos Bragança e a Restauração da Independência de Portugal, em Dezembro de 1640, acabou com a aliança dinástica dos ibéricos na Ásia e debilitou ainda mais a sua posição perante os holandeses. Em 1640, a guarnição de Jilong contava apenas com 64 soldados e artilheiros espanhóis, 118 filipinos de Panpanga e de Cagayan, três marinheiros, um médico, um capelão e seis escravos.<sup>50</sup>

Dez anos mais tarde, em 1650, verificou-se uma segunda tentativa holandesa para expulsar os espanhóis da ilha, que falhou. Em 1641, o importante enclave

## ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

estratégico português de Malaca caía nas mãos dos holandeses. No ano seguinte, um ataque de navios holandeses com 500 homens conquistava, sem grande esforço, as fortificações espanholas do norte de Taiwan.<sup>51</sup>

### TAIWAN NO IMPÉRIO CHINÊS

Num contexto de crise interna, uma invasão manchu a partir do Nordeste da China conduziu ao desaparecimento da dinastia Ming e ao estabelecimento da nova dinastia manchu dos Qing (1644-1911). No processo de resistência dos Ming à nova dinastia invasora, focalizada nas províncias costeiras do sul, Zheng Zhilong (Nicolas Iquam) foi nomeado comandante da força naval dos Ming.

*A presença espanhola no norte de Taiwan não passou de precária e estratégica e durou menos de duas décadas.*

Uma vez derrotado o poder central dos Ming, o filho de Zheng Zhilong, Zheng Chenggong, nascido em 1624, no Japão, de mãe japonesa, estabeleceu as suas bases na zona de onde a família de Zheng era originária, na baía fuquinense de Amoy, bem como na ilha de Taiwan, com um contingente de dezenas de milhar de pessoas e mais de 3000 navios, com que hostilizou, durante toda uma década, as novas autoridades manchus, quase conquistando a cidade de Nanquim, em 1659.

No ano de 1660, os manchus erigiram no litoral numerosos postos defensivos e ordenaram aos habitantes das numerosas pequenas ilhas e das zonas litorais de Zhejiang, Jiangsu, Fujian e Guangdong, que se transferissem para o interior do território, proibindo a residência num perímetro inferior a cerca de vinte quilómetros da costa. Esta medida, que tentava evitar a cumplicidade da população costeira com os resistentes da marinha Ming chefiados por Zheng Chenggong, funcionou como incentivo para a emigração, para Taiwan, de uma população desprovida dos seus meios de subsistência na pesca, comércio

marítimo e agricultura. Forçou também Zheng Chenggong a uma política de retirada, que passava pela saída para Taiwan.

Após repetidas tentativas fracassos de derrotar as autoridades imperiais chinesas e após a derrota de Nanquim, em 1659, Zheng Chenggong decidiu instalar o seu quartel-general na ilha de Taiwan. Em 1661 desencadeou uma ofensiva à fortificação holandesa de Zeeland com centenas de navios e um contingente entre 25 000 e 30 000 homens. Em Fevereiro de 1662, após nove meses de luta e bloqueio, o governador holandês de Taiwan, Frederik Coyett, aceitou evacuar a ilha, deixando a Zheng Chenggong bens e dinheiro equivalentes a um milhão de onças de prata. Acabavam assim 38 anos de presença holandesa no Sudoeste da ilha.

Após o período holandês, estabeleceu-se em Taiwan um regime à imagem e semelhança do dos Ming. Taiwan transformou-se, assim, numa prefeitura da chamada dinastia dos Ming do Sul (*Ming nan dai*), que contava também com alguns focos de resistência na costa de Fujian, especialmente no feudo da família de Zheng, na zona de Amoy. A zona da antiga fortificação de Zeeland recebeu a denominação de Dongdu, isto é, a capital do Leste. Estabeleceram-se distritos administrativos. Pôs-se em vigor, pela primeira vez na ilha, o sistema legal e burocrático característico do império chinês, embora, na prática, o regime se sustentasse mais na cumplicidade com as famílias poderosas locais de origem chinesa que na rede burocrática ordinária.

Nos primeiros tempos deste regime legitimista dos Ming do Sul, estabelecido por Zheng Chenggong houve problemas de abastecimento por causa do aumento repentino da sua população. Aos cerca de 100 000 povoadores chineses, que em poucas décadas, durante o período holandês, se tinham reunido em torno das fortificações holandesas, acresceram os milhares de membros da frota de Zheng Chenggong para além da grande vaga de imigrantes provocada pela proibição, pela corte manchu, em 1660, de residir perto da costa de Fujian. Apesar disso, não se deve esquecer que, tanto os estabelecimentos dos holandeses como os dos legitimistas Ming do Sul, se circunscreviam às planícies costeiras do Sul da ilha: a maioria do território e da população da ilha continuava a ser indígena. Também não se deve esquecer que, apesar de derrotados, os holandeses continuavam a frequentar a

## EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA I

ilha para negociar, sendo-lhes permitida a sua presença nas antigas fortificações espanholas do Norte da ilha, em Jilong (Keelung) e em Danshui (Tamsui).

Como resposta à pressão demográfica, aumentaram as terras de cultivo à custa dos territórios dos indígenas, confiscaram-se as plantações da VOC e, por outro lado, aumentou o comércio com o Japão, Filipinas e Indonésia. O novo regime dos Ming intensificou a pressão fiscal sobre a população e Zheng Chenggong chegou a planear a expansão do império marítimo dos Ming do Sul para as Filipinas. Em 24 de Abril de 1662 partia de Taiwan, na qualidade de embaixador dos Ming do Sul, o dominicano Vittorio Ricci, com uma carta em que Zheng Chenggong intimava os dirigentes de Manila a pagar tributo e reconhecer a sua supremacia, sob pena de a ilha de Luzón ser invadida e Manila destruída. A chegada destas ameaças e o seu conhecimento por parte da comunidade chinesa do *Parián* de Manila inflamou a endémica chama da tensão sino-espanhola em Manila. Ocorreu uma nova revolta dos *sangleys*, que foi reprimida com a mesma contundência com que o tinham sido as anteriores, frequentes desde a primeira revolta de 1603. O resultado foi a morte de 10 000 *sangleys*. Ao chegar a Taiwan a notícia desta matança, Zheng Chenggong decidiu aproveitar a conjuntura para atacar as Filipinas. Todavia, a sua morte repentina, a 23 de Junho de 1662, poucos meses após a retirada holandesa de Zeeland, deixou os seus planos sem solução.<sup>52</sup> Zheng Chenggong transformou-se num mito deificado, venerado em Taiwan e em outros espaços sinizados ou com minorias chinesas da Ásia Marítima.<sup>53</sup>

Após a sua morte, destacou-se o seu filho Zheng Ching (conhecido nas fontes ocidentais por Sya) que, embora estabelecido na baía continental de Amoy,

disputou a sucessão a seu tio, irrompendo na ilha com uma frota de aproximadamente 7000 membros, os últimos efectivos dos rebeldes da família Zheng (ou dos Ming do Sul) que ainda se encontravam na povoação natal do continente. A partir de então Taiwan entrou numa dinâmica de disputas palacianas, que desgastaram o poder da família Zheng.

Em 1681, começaram os ataques directos a Taiwan, pelas forças navais da dinastia Qing lideradas por Shilang, um antigo almirante das tropas de Zheng Chenggong. Em 1683, chefiou uma expedição de 300 navios e aproximadamente 20 000 membros que ocupou as ilhas Penghu após derrotar as forças navais da família Zheng. Pouco depois, os navios da dinastia Qing entravam em Taiwan e iniciava-se, assim, em 1684, o período mais longo e contínuo de soberania chinesa sobre a ilha.

No decurso da ofensiva contra os legitimistas Ming da família Zheng, em Taiwan, as autoridades Qing debateram a conveniência de ocupar efectivamente Taiwan. De um lado estavam os que acreditavam que a ilha não era mais do que um refúgio para piratas, pescadores, desertores, rebeldes e criminosos, não valendo a pena desenvolver quaisquer esforços pela sua ocupação e controle. Do outro lado, praticamente só, estava Shilang, o antigo almirante de Zheng Chenggong, que salientava os recursos naturais da ilha e alertava para o perigo de deixar a ilha aberta à ocupação pelos holandeses, espanhóis ou por qualquer outro forasteiro, antes de o império chinês poder reagir. O seu ponto de vista acabou por prevalecer e a ilha transformou-se numa prefeitura da província de Fujian. **RC**

Tradução de Aldino Dias

## NOTAS

- 1 Campbell, 1992, pp. 9-25
- 2 Shepherd, 1999, pp. 108-115
- 3 Staiton, 1999, pp. 27-44
- 4 Thompson, 1968, pp. 170-194
- 5 Goodrich & Fang, 1976, I, pp. 917-919
- 6 Foccardi, 1986, p. 14
- 7 Giles, 1919, p. 19
- 8 Wu Zhiliang, 1999, p. 8
- 9 Purcell, 1951, p. 24
- 10 Segundo Francisco Pires o seu nome era André Feio (Schutte, 1975, I, p. 388).

- 11 Boxer, 1963, p. 44.
- 12 Schutte, 1975, I, pp. 387-393.
- 13 Archivo General de Indias (AGI) Filipinas 79, 2, 15.
- 14 Borao, 2001, I, pp. 2-9.
- 15 Boxer, 1963, p. 44.
- 16 Aljava: recipiente para as flechas que se transportava ao ombro.
- 17 Boxer, 1963, p. 44.
- 18 AGI Filipinas 79, 2, 15.
- 19 Schutte, 1975, I, p. 388.
- 20 Emmer, 2003, pp. 1-3.
- 21 Van Veen, 2001, pp. 85-88.

## ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA I

- 22 Emmer, 2003, pp. 6-7.  
 23 Van Veen, 2001, pp. 90-96.  
 24 Borao, 2001, I, pp. 48-51.  
 25 Wu Zhiliang, 1999, pp. 88-92.  
 26 Carioti, 1995, pp. 51-55.  
 27 Carioti, 1995, p. 56.  
 28 Blusse, 1990, p. 253.  
 29 Carioti, 1995, pp. 59-60.  
 30 Blusse, 1990, pp. 249-250.  
 31 Long, 1991, p. 10.  
 32 Blusse, 1990, pp. 262-165.  
 33 Huber, 1990, pp. 274-279.  
 34 Carioti, 1995, pp. 51-55.  
 35 Wills, 1990, pp. 88-95.  
 36 Wills, 1990, pp. 90-91.  
 37 Huber, 1990, pp. 270-273.  
 38 Olle, 2000, pp. 60-130.  
 39 De acordo com as fontes espanholas, os japoneses planearam, em diferentes momentos, estabelecer-se em Taiwan. As tentativas mais articuladas teriam ocorrido em 1615 e, especialmente, em 1620-1621 (Dehergne, 1941, p. 272).  
 40 Borao, 2001, I, pp. 18-47.  
 41 Alvarez, 1930, II, pp. 37-39.  
 42 Em japonês: *sanshiokaku*. Foi neste porto que as tropas japonesas desembarcaram em 1895, após a cessão obtida no tratado de Shimonoseki. (Alvarez, 1930, II, p. 89).  
 43 Delgado & Delgado, 1992, pp. 55-72.  
 44 Alvarez, 1930, II, pp. 43-44.  
 45 Aduarte, 1964, pp. 357-366.  
 46 Valladares, 2001, pp. 37-64.  
 47 Borao, 2001, I, p. 249.  
 48 Borao, 2001, I, pp. 262-269.  
 49 Alvarez, 1930, II, p. 50.  
 50 Borao, 2001, I, p. 324.  
 51 Campbell, 1992, pp. 495-498.  
 52 Carioti, 1995, pp. 154-157.  
 53 Croizier, 1977.

## BIBLIOGRAFIA

- Aduarte, D. (1964). *Historia de la provincia del Santo Rosario de Filipinas, Japón y China*. Edição de Manuel Ferrero. Madrid: CSIC.  
 Alvarez, J. M. (1930). *Formosa geográfica e historicamente considerada*. 2 vols. Barcelona: Luís Gili.  
 Blussé, L. (1990). "Minnan-jen or Cosmopolitan? The rise of Cheng Chih-lung alias Nicolas Iquan", in E. B. Vermeer, *Development and Decline of Fukien Province in the 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> Centuries*, pp. 245-264. Leiden: E. J. Brill.  
 Borao, J. E. (2001). *Spaniards in Taiwan*. 2 vols. Taipé: SMC Publishing Inc.  
 Boxer, C. R. (1963). *The Great Ship from Amacon. Annals of Macao and old Japan Trade, 1555-1640*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.  
 Campbell, W. M. (1992). *Formosa under the Dutch*. Taipé: SMC Publishing Inc.  
 Carioti, Patrizia (1995). *Zheng Chenggong*. Napoli: Istituto Universitario Orientale.  
 Chang T.-S. (1988). *Mingji dongnan zhongguo de haishang huodong*. Taipé: Silidong Daxue.  
 Croizier, R. C. (1977). *Koxinga and Chinese Nationalism*. Cambridge: Harvard University Press.  
 Dehergne, J. (1941). "L'île Formose au XVII<sup>e</sup> siècle: Essais éphémères d'expansion Européenne", *Monumenta Nipponica*, 4, pp. 270-277.  
 Delgado, L.; Delgado, D. (1992). "La presencia española en Formosa", *Revista de Historia Naval*, 37, pp. 55-72.  
 Emmer, P. C. (2003). "The First Global War: The Dutch versus Iberia in Asia, Africa and the New World, 1590-1609", *E-Journal of Portuguese History*, 1, p. 1.  
 Foccardi, G. (1986). *The Last Warrior. The life of Cheng Ch'eng-kung, the Lord of the 'Terrace Bay'*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz Verlag.  
 Giles, L. (1919). "Translations from the Chinese World Map of Father Ricci", *Geographical Journal*, 53, 1, pp. 19-30.  
 Goodrich, L. C.; Fang, C., eds. (1976). *Dictionary of Ming Biography*. 2 vols. Nova Iorque: Columbia University Press.  
 Huber, J. (1990). "Chinese settlers against the Dutch East India Company: the rebellion led by Kuo Huai-I on Taiwan in 1652", in E. B. Vermeer, *Development and Decline of Fukien Province in the 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> Centuries*, pp. 265-298. Leiden: E. J. Brill.  
 Long, S. (1991). *Taiwan: China's Last Frontier*. Londres: Macmillan.  
 Ollé, M. (2001). *La Invención de China. Percepciones y estrategias Filipinas respecto a China en el siglo XVI*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz Verlag.  
 Purcell, V. (1951). *The Chinese in Southeast Asia*. London: Oxford University Press.  
 Schutte, J. F. (1975). *Monumenta Historica Japoniae*, vol. I. Roma: MHSI.  
 Shepherd, J. R. (1999). "The island frontier of the Ch'ing, 1684-1780", in M. A. Rubinstein (ed.), *Taiwan a New History*, pp. 107-132. Nova Iorque: M. E. Sharpe.  
 Stainton, M. (1999). "The politics of Taiwan aboriginal origins", in M. A. Rubinstein (ed.), *Taiwan a New History*, pp. 27-44. Nova Iorque: M. E. Sharpe.  
 Thompson, L.G. (1968). "The junk passage across the Taiwan Strait: Two Early Chinese Accounts", *Harvard Journal of Asiatic Studies*, 28, pp.170-194.  
 Valladares, R. (2001). *Castilla y Portugal en Asia (1580-1680)*. Lovaina: Leuven University Press.  
 Van Veen, E. (2001). "VOC Strategies in the Far East (1605-1640)", *Bulletin of Portuguese Japanese Studies*, December 2001, vol. 3, pp. 85-105.  
 Wills J. E. (1999). "The seventeenth-century transformation. Taiwan under the Dutch and the Cheng regime", in M. A. Rubinstein (ed.), *Taiwan a New History*, pp. 84-106. Nova Iorque: M. E. Sharpe.  
 Wu Zhiliang (1999). *Segredos da Sobrevivência. História Política de Macau*. Macau: Associação de Educação de Adultos.